

ENTRE A ‘VERDADE’ E A FICÇÃO: UM OUTRO OLHAR SOBRE O ROMANCE HISTÓRICO EM *EL ARPA Y LA SOMBRA* DE ALEJO CARPENTIER

*Liliam Ramos da Silva*¹

[...] não interessa aos poderosos saber da verdade, mas apenas do que lhes convém.
(João Ubaldo Ribeiro, *Viva o povo brasileiro*, 1984)

RESUMO

Em um mundo onde já não existe um saber estanque e “dono” de qualquer verdade absoluta, existe uma história que dê conta do real? Qual o papel atual do historiador e do romancista de ficção? Os estudos interdisciplinares entre literatura e história há algum tempo passam por intensos questionamentos no que diz respeito às fronteiras que essas duas disciplinas impõem – ou deixam de fazê-lo. Nas Américas, muitos romancistas possuem a característica de “misturar” a ficção (invenção) à história (verdade), fazendo com que o leitor se interrogue se aquilo que está lendo ocorreu de fato ou se é simplesmente a imaginação do escritor que criou tal narrativa. A presente reflexão analisará a obra *El arpa y la sombra*, do escritor cubano Alejo Carpentier, o qual relatou as expectativas e as confissões daquele que ousou cruzar o mundo e chegou a um novo continente – o navegador genovês Cristóvão Colombo. O autor busca fatos históricos para (re)contar a proposta de beatificação do Grande Almirante e qual sua própria opinião sobre o fato. Através do questionamento de verdades estabelecidas, o autor (re)cria uma nova história não documentada do ‘descobridor’ das Américas.

Palavras-chave: Romance histórico. Nova história. Identidade/alteridade. Interdisciplinariedade.

PRELIMINARES

Ao tratarmos sobre literatura vs. história, percebemos a grande polêmica que incide sobre esse tema. Retomando o filósofo grego Aristóteles (que há séculos já se deparava com essa discussão), ao fazer uma diferenciação entre as duas disciplinas, o historiador só poderia falar sobre aquilo que aconteceu, e o poeta falaria sobre o que poderia acontecer. Livre da sucessão linear da escrita da história, a trama do poeta poderia ter diferentes unidades e acontecimentos e personagens históricos também poderiam aparecer na tragédia. Desde então, muitos escritores utilizaram técnicas de representação ficcional para criar suas versões imaginárias de seus mundos teóricos e reais.

O escritor cubano Alejo Carpentier (1904 - 1980), em sua obra *El arpa y la sombra* (A arpa e a sombra, 1979) revisa a aventura de Cristóvão Colombo na sua chegada às Américas que é, pela soma de fatos ainda hoje controversos e polêmicos, terreno fértil à vitalização poética que a literatura enseja. O romance não visa contar uma verdade histórica, mas recontar aquilo que já foi contado, valendo-se das licenças que à literatura é dado manejar. Ao haver uma tentativa de canonização de Colombo por parte do Papa Pio IX² (1792 - 1878), o autor dá voz ao “Almirante”, que reescreve sua história, destacando sua condição humana, além das dimensões já englobadas pelo mito e pela lenda.

O romance divide-se em três capítulos: o primeiro, intitulado *El harpa*, conta o início do processo eclesiástico para beatificação de Cristóvão Colombo e sua posterior santificação. Trata-se de um *fato histórico*, já que no século XIX havia uma polêmica em torno da necessidade de um santo dos navegadores. É narrado em primeira pessoa – Pio IX – e revela que a beatificação era uma ambição pessoal sua. O segundo capítulo, *La mano*, relata a espera de Colombo para confessar-se pois está à beira da morte. (Re)conta a história do descobrimento, em uma narrativa autobiográfica de Colombo que volta ao passado (século XV), onde ele mesmo desmistifica sua pretensa santidade. O terceiro e último capítulo, *La sombra*, retrata o julgamento eclesiástico da proposta de beatificação pela Santa Congregação de Rituais, nos anos finais do século XIX. Nesse momento, Colombo é apenas um fantasma, uma sombra errante, sem destino e identidade definidos, tornando-se estigmatizado pelos pecados que cometeu em sua vida.

UM POUCO DE (NOVA) HISTÓRIA

Os estudos relativos às disciplinas de história e literatura sempre suscitaram muitas discussões. A literatura diferencia-se da narrativa histórica por sua subjetividade, pela ambigüidade ao compartilhar certos discursos. Na literatura, não há a objetividade dos relatos históricos muito menos o comprometimento com a verdade. Contudo, o leitor estaria preparado para aceitar audácias históricas, ou seja, o leitor deve aceitar que o romancista não deva passar por nenhum teste convencional de realidade? Haveria um limite entre a verdade histórica e a subjetividade literária? Estas e outras questões são problemáticas quando tratamos das relações entre literatura e história, duas disciplinas que possuem objetivos distintos mas que se complementam em diversos momentos da narrativa de uma nação.

Atravessamos um período que preocupa os escritores porque determinadas ‘verdades’ ou grandes ‘dogmas’ foram abalados após o advento de uma nova concepção de história. Antigamente, ao falar-se em História, pensava-se em uma ordenação do tempo dos humanos ao devir do mundo em uma perspectiva linear, em que historiadores consideravam somente um tempo histórico cronológico com um discurso baseado nas idéias européias e a ele se reduzia *toda* a história. Durante muitos anos a História (com H maiúsculo) foi escrita a partir do centro (lugar de onde se irradiava a verdade – Europa) e essa reverenciava o poder monárquico ou burguês e a História religiosa diluía-se na da Igreja e dos clérigos³. “O que escapava a esse olhar era ocultado, considerado supérfluo, sobrevivência anacrônica, silêncio ou simples ruído sobre o qual se evitava falar” (HANCIAU, 2001). Os contadores de histórias tinham o direito de silenciar, excluir e eliminar certos acontecimentos e pessoas do passado, já que seu compromisso era com a ficção e não com a verdade. Contudo, os historiadores não poderiam ter feito o mesmo e, ao excluir vozes como as das mulheres, dos orientais, dos negros, dos judeus, etc., a História terminou como sendo exclusiva de seus participantes.

A nova concepção de história trata do *desvio* do olhar do historiador para as zonas silenciadas através do questionamento da documentação histórica sobre as lacunas, da interrogação sobre os esquecimentos e os espaços ‘brancos’. A visão inovadora propiciada pelo caminho na nova história aponta para a subversão dos rituais discursivos tradicionais. Se a nova história resgata no infinitamente pequeno (recuperado pelos relatos orais) uma outra verdade até então relegada, é graças à (re)escritura através da literatura e suas inter-relações que se desvelarão, renovados, os mitos, símbolos e a multiplicidade etnocultural de uma

realidade que existiu, mas que estava oculta pelo discurso redutor e simplificador da história oficial.

É nesse âmbito que, em 1991, surge a *Poética do pós-modernismo*, de Linda Hutcheon. Na reflexão sobre as semelhanças e diferenças entre o romance realista e o historicismo, a autora propõe o conceito de *metaficção historiográfica*, em que há uma dupla conscientização sobre a natureza fictícia com base no real. Para a autora, os estruturalistas afirmavam que a literatura é um discurso que não poderia ser submetido a um teste de verdade, e que, portanto, não faria sentido o levantamento da questão veracidade/falsidade. A metaficção historiográfica sugere que tais termos não sejam corretos para discutir a ficção, mas não pelas razões afirmadas. Alguns romances afirmam que só existem *verdades* (no plural), jamais uma única Verdade, e que raramente existe a falsidade, mas somente verdades alheias. A interação do historiográfico com o metaficcional coloca igualmente em evidência a rejeição das pretensões de representação “autêntica” e cópia “inautêntica” e o próprio sentido da originalidade literária é contestado assim como a transparência da referencialidade histórica:

O discurso da história, que implica em uma insurreição dialógica, é um dos discursos conformadores do texto ficcional contemporâneo. Com isto, o imaginário enriquece-se e aprofunda-se ao mergulhar no referente, reescrevendo-o dialeticamente e transgredindo os códigos do realismo tradicional, numa livre recriação do passado[...] (JOSEF, 1997, p. 77)

As metaficções historiográficas parecem privilegiar duas formas de narração: os múltiplos pontos de vista ou um narrador declaradamente onipotente. No romance de Carpentier, existem várias versões para os mesmos fatos e a coexistência de uma pluralidade de vozes culturais contando o seu próprio passado. Vários momentos e várias vozes em um só texto suscitam a impossibilidade de se ver a história como um discurso unívoco, principalmente quando a mesma voz pode “falar” de distintos ângulos e focalizar de distintas maneiras.

Um exemplo que podemos citar no romance é o momento em que Colombo chega às Américas. Como a frota havia chegado à noite e os tripulantes não sabiam o que iriam encontrar nas novas terras, esperaram amanhecer para desembarcar. Enquanto isso, Colombo demonstra o desejo de encontrar uma capela ou algo relativo a Deus (pois pensava que estava chegando às Índias, terra a que o navegador Marco Pólo já havia chegado). Ele sonha ser reconhecido como um grande descobridor a serviço do cristianismo, e relata:

En este caso, tú que te inventaste, durante el viaje, el nombre de *Christo-phoros*, pasador de Cristo, cargador de Cristo, San Cristóbal, [...] asignando una misión de Predestinado, de Hombre Único y Necesario – una misión sagrada [...]⁴ (CARPENTIER, 1998, p.97)

Colombo sente-se o predestinado, o homem único, assim como se dizia de Jesus Cristo. Apesar de levar a palavra de Deus aos habitantes da nova terra (e dizer que essa era sua única proposta), o Almirante se vê cobiçando o ouro que encontra em colares de alguns nativos:

Dije: ORO. Viendo tal maravilla, senti como un arrebato interior. Una codicia, jamás conocida, me germinaba en las entrañas. Me temblaban las manos [...] Y, a partir de esse dia, la palabra ORO será la más repetida, como endemoniada obsesión, en mis Diarios, Relaciones y Cartas. (CARPENTIER, p.102 - 103)⁵

É interessante retomar o primeiro capítulo do romance – *El arpa* – para fazer uma comparação entre o Cristóvão Colombo que o Papa Pio IX pensa ser e o que ele realmente é

(segundo ele mesmo). No romance, em 1851, Pio IX pede ao conde Roselly de Morgues, historiador francês, que escreva a *verdadeira* história de Colombo para, assim, decidir pela canonização (ou não). Contudo, o historiador católico é um “fervente admirador de su héroe” e “había magnificado las virtudes que agigantaban la figura del insigne marino genovés, señalándolo como merecedor de un lugar destacado en el santoral, y hasta en las Iglesias [...] donde se venerara su imagen” (CARPENTIER, 1998, p.19). Para o Papa, que havia vindo às Américas em uma missão evangelizadora quando ainda era seminarista, o elemento unificador entre a Europa e a América seria a fé. Precisava-se de um santo que tivesse o mesmo reconhecimento no Velho e no Novo Mundo, algo um tanto difícil, já que nas Américas começava a grande mestiçagem – étnica, cultural, religiosa – que seria característica dos povos americanos. Pio IX relata:

Lo ideal, lo perfecto, para compactar la fe cristiana en el viejo y nuevo mundo, hallándose en ello un antídoto contra las venenosas ideas filosóficas que demasiados adeptos tenían en América, sería un santo de ecumenico culto, un santo de renombre ilimitado, un santo de una envergadura planetaria, incontrovertible, tan enorme que, mucho más gigante que el legendario Coloso de Rodas, tuviese un pie asentado en esa orilla del Continente y el otro en los finisterres europeos, abarcando con la mirada, por sobre el Atlantico, la extensión de ambos hemisferios. (CARPENTIER, p.43)

Por outro lado, o próprio Colombo comenta que, diante das dificuldades de se conseguir apoio de reinos europeus para empreender a viagem, ele *inventa* histórias que teriam acontecido em seu passado, como uma pretensa carreira universitária (era filho de taberneiros), um tio almirante (que nunca existiu), uma amizade com o rei catalão Renato de Anjou (para o qual trabalhou apenas como subordinado). Era esse o homem que Pio IX queria converter em santo? Através das mentiras que havia inventado,

Me fui haciendo gente, y como gente que era, manejaba la intriga con mayor fortuna que antes: mediante chismes, rumores puestos a correr, cosas dichas como quien no dice nada, secretesos, discreteos, confidencias hechas bajo promesa y juramento de que no se repetirían a nadie, cartas leídas a medias, fingidos proyectos de pronta ausencia para responder al urgente llamado de otras cortes [...] (CARPENTIER, p.79)

A ficção pós-moderna desmascara o etnocentrismo europeu para questionar o discurso histórico. O romancista extrai da história os materiais para urdir ficções e repensar a tradição cultural nacional, para resgatar o que ficou marginalizado pelo discurso totalizante da História, apresentando um modelo que integra a literatura – manifestação do imaginário – e a História – manifestação do real. No entanto, essa abertura a uma nova forma de (re)visitar o passado não pode ser encarada como um retorno nostálgico, ou seja, uma recontagem da história para buscar se as informações são “verdadeiras”, mas como uma (re)avaliação crítica.

IDENTIDADES EM QUESTÃO

A histórica da cultura na América Latina está profundamente marcada pelo entrecruzamento dos discursos ficcional e histórico desde suas origens. Nesse caminho, destaca-se a existência de uma tradição de literatura vinculada à história, que alcança, no século XIX, uma realização notável com o romance histórico, cujo surgimento inscreve-se em um contexto de pura fé historicista disseminada pelo pensamento europeu. Contudo, o

romance histórico latino-americano também estava profundamente marcado pelas crônicas coloniais que se converteram nas principais fontes historiográficas para ele. A ‘tradição’ na América espanhola estaria nas crônicas da conquista, em que o índio deixava de ser uma figura meramente decorativa e adquiria proporções de herói. Nesse momento, iniciava-se não somente a construção de uma literatura, mas também de uma historiografia latino-americana.

São características da obra de Alejo Carpentier: a) apresentação de um enfrentamento entre Europa e América; b) menção exata de lugares conhecidos para dar maior verossimilhança aos fatos; c) uso do realismo mágico⁶ ao partir-se de uma realidade concreta, seja natural, social, histórica ou sociológica, elaborando-se em operações graduais até alcançar o nível mais fantástico da imaginação criadora (assim, cria-se uma nova realidade que é, ao mesmo tempo, fantástica e mágica). Toda a produção narrativa ficcional do escritor cubano nasce de fatos documentados que garantem a qualidade histórica de sua obra por sua potencialidade literária, que é enriquecida significativamente. Fatos e documentos recuperam a mensagem vital, sendo essa uma das maiores contribuições de Carpentier ao desenvolvimento atual das letras hispano-americanas: a reconstrução de um passado que desconhecíamos.

A chegada às Américas coincide com a revitalização do Cristianismo na Espanha (expulsão dos mouros do território espanhol pelos reis Fernando e Isabel), ou seja, com base em certos ideais da Antiguidade (valorização da liberdade individual e crença no poder da razão). A *escrita* de documentos tornava-se a principal forma de julgar se um povo era “inferior” ou não, já que o nascimento da História estava relacionado ao aparecimento da escrita. No século XVI, os povos eram julgados e hierarquizados pelos missionários espanhóis segundo o critério de dominarem ou não a escrita alfabética. Com isso, os europeus pensaram que estavam chegando a um novo continente que não possuía história, já que não havia documentos escritos que a relatassem.

Desde o princípio da história ocidental das Américas (colocamos *ocidental* porque geralmente pressupõe-se que o continente americano não existia antes do “descobrimento”), sob a ótica eurocêntrica, os habitantes do Novo Mundo foram desrespeitados; freqüentemente as descrições se caracterizam pela negatividade: “**Não** andam com armas e nem as conhecem”, “**Não** têm nenhum ferro”, “me pareceu que **não** tinham nenhuma religião” (Colombo, 1998: p.53). “No hay edificaciones, casas, castillos, torres o almenajes a la vista”, “**No** asoma una cruz por encima de los árboles”, “**No** hay iglesias” (CARPENTIER, 1998: p.99). Colombo não levou em conta que as terras, os animais e os homens já possuíam nomes; por isso, (re)nomeou tudo o que viu. Essa ação tinha o seu propósito: nomear significa tomar posse, e com isso foi apropriando-se daquilo que nomeava. Além disso, não reconhecia a diversidade das línguas e, por tal motivo, ao ver-se diante de uma língua estrangeira, só havia dois comportamentos possíveis e complementares: ou reconhecia que era uma língua *outra* e não aceitar que ela fosse diferente ou recusar-se a admitir que era uma língua. “Eu, comprazendo a Nosso Senhor, levarei daqui, por ocasião de minha partida, seis deles para Vossas Majestades, para que aprendam a falar” (COLOMBO, 1998: p.53). O “descobridor” não percebe a alteridade e, gradativamente, impõe seus próprios valores como os únicos válidos.

Carpentier, por outro lado, em seu romance, dá voz aos indígenas - representado por Dieguito (nome cristão), que expõem suas opiniões a respeito dos europeus: [...] pérfidos, mentirosos, violentos, coléricos, cruéis, sucios y malolientes [...] Decían que nuestras casas apestaban a grasa rancia; a mierda, nuestras angostas calles; a sobaquina nuestros más lúcidos caballeros, y que si nuestras damas se ponían tantas ropas, corpiños, perifollos y faralás, era porque,

seguramente, querían ocultar deformidades y llagas que las hacían repulsivas [...] Tampoco entendían por qué tanta gente, que no era de tropa, andaba armada, ni cómo tantos señores ricamente ataviados podían contemplar, sin avergonzarse, de lo alto de sus relumbrantes molturas, un perpetuo y gimiente muestrario de miserias, purulencias, muñones y andrajos. (CARPENTIER, p.127).

As diferenças são notáveis, e é interessante perceber a opinião que os indígenas possuem sobre as doutrinas da igreja católica. Para eles, se Deus havia criado todo o mundo, as vegetações e os seres que o povoavam, e se tudo aquilo era tão bom, não viam o porquê de Adão e Eva serem expulsos do paraíso por apenas terem comido “los buenos frutos de un buen árbol”. Também não sabiam por que a nudez era algo indecente, já que em sua terra eles andavam nus. Colombo havia lhes mostrado uns quadros com imagens do Antigo Testamento, e eles não entenderam o porquê de o Mal estar sendo representado por uma serpente, já que em suas terras as serpentes não eram daninhas. E o fato de ver a imagem de uma serpente comendo uma maçã fazia-os cair na gargalhada, pois, segundo eles, “culebra no come frutas” (CARPENTIER, p.128).

O que aproxima, portanto, o romance contemporâneo e a história é que Carpentier se preocupa em preencher o espaço lacunar e os vazios deixados pelo historiador, alternando discurso histórico e ficção. A construção de uma identidade latino-americana, assim como sua historiografia, acaba por acontecer no romance histórico, em que romancistas buscam não somente conferir veracidade à narrativa ficcional, mas também, cientes do poder da imaginação, preencher lacunas, estabelecer sentidos entre a memória, o registro e os eventos. Os romancistas (re)construíram, através da imaginação e com a ajuda de relatos orais míticos, a parte que foi perdida no relato dos historiadores sobre a América Latina e o Caribe.

A NÃO-CANONIZAÇÃO DE *CHRISTOPHOROS*: A HISTÓRIA PREVALECE

O terceiro e último capítulo – *La sombra* – trata do julgamento de canonização do grande Almirante. Nesse momento, reúnem-se figuras históricas como Roselly de Morgues, Frei Bartolomé de Las Casas, Julio Verne, José Baldi, e outros. Aqui, Colombo está presente, mas apenas como uma **sombra**, um espectro, um fantasma que não pode interferir na discussão, mas que participa desta dirigindo-se ao leitor em forma de comentários imperceptíveis ao ouvido, e que são escritos “entre comillas”. Dessa maneira, Carpentier nos permite comparar a percepção de Colombo através dos tempos e de diversas perspectivas. Segundo Steckbauer (1999), “en los murmullos de Colón encontramos en parte la opinión del propio autor”. Ao liberar Colombo de qualquer fixação temporal, Carpentier permite tanto ao seu protagonista quanto ao seu leitor repensar a história. O autor cubano evidentemente consulta e incorpora numerosos dados tomados da História, mas os dispõe à sua maneira e aproveita sempre que pode zonas escuras (lacunas) da historiografia para imaginar livremente o que poderia ter ocorrido em determinado momento do qual temos documentação escassa.

É interessante analisar comentários de Colombo/Carpentier frente às discussões a favor ou contra a canonização suscitadas no julgamento. Independente de Colombo ser ou não um “santo”, ele foi o homem que teve a coragem necessária para reunir uma tripulação e viajar a um mundo desconhecido. A chegada ao Novo Mundo foi um dos grandes acontecimentos da História, e isso jamais poderá ser negado:

¡Oh, grande, grande, grande Christophoros, ganaste la partida, tu aureola está en puertas, [...] tendrás altares en todas partes, serás como el gigante Atlas, cuyos potentes hombros cargan ya, por siempre, con un mundo que tú hiciste redondo, puesto que, gracias a ti, vino a redondearse una tierra que era

plana, limitada, circunscrita, de fronteras asomadas a los abismos insondables de un firmamiento que *también estaba abajo*, idéntico y paralelo, sin que nadie supiese, a ciencia cierta, si lo de arriba estaba abajo, o lo de abajo arriba...! (CARPENTIER, p.162).

Após a reflexão sobre a relevância da literatura como fonte de documentação histórica, constatamos que a História tradicional não pode ser considerada como a única fonte de informação dos fatos. Dessa forma, os novos romances históricos surgem para esgarçar o horizonte público do leitor que, devido a uma maior participação, é provocado a fazer uma reflexão crítica sobre os temas abordados.

Para a crítica Aimée Bolaños, “la historia oficial, consagrada por la razón totalizante, ha quebrado. Se abre paso la búsqueda de otra historia, desmistificada, desacralizada, despojada de las aureolas nadas sagradas del poder” (2002, p.18). Como já evidenciaram vários historiadores culturais (adeptos das concepções da nova história), os documentos que descreveram ações simbólicas do passado não eram textos inocentes nem transparentes; eles foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias.

A nova história, privilegiada em nossas análises por propor um questionamento da História tradicional e resgatar o que havia ficado marginalizado pelo discurso da História, 1. interessa-se por toda a atividade humana (principalmente a cultura), e não apenas pela política; 2. preocupa-se com a análise das estruturas, e não dos acontecimentos; 3. oferece uma “visão de baixo”, isto é, das pessoas comuns e suas experiências das mudanças sociais; 4. passa a examinar outros tipos de evidência, e não somente os documentos; 5. enfatiza a pluralidade e 6. valoriza a subjetividade em detrimento da objetividade da História tradicional.

Identificamos, na literatura analisada, a preocupação do autor em desconstruir a concepção de história tradicional, na medida em que (re)conta uma *outra* história, baseada nos fatos reais. A suposta canonização de Colombo poderia ter sido um fato real? Se sim, atualmente seria importante ter um santo dos navegadores? Em outras palavras: a ficção pode mudar os fatos que conhecemos como *verdades históricas*? De acordo com Carlos Reis (1992), de um ponto de vista *ontológico*, ninguém pode impedir um romancista de construir os desfechos que ele julga necessários, seja inventando unicórnios ou sereias, seja descrevendo as montanhas e os rios de Marte, seja transformando vencidos em vencedores. Por outro lado, é preciso não esquecer que as ficções são lidas por pessoas talvez tão prudentes que não estejam dispostas a aceitar audácias históricas: por isso, é necessário dizer que, de um ponto de vista *pragmático*, não há dúvidas: Colombo não foi e nunca será canonizado. Os motivos que Carpentier nos dá são porque Colombo vivia em concubinato com uma espanhola e com ela tinha um filho ilegítimo e porque ele escravizou e comercializou indígenas. Se não fosse por esses motivos, ele teria sido canonizado.

Para finalizar, buscamos as palavras do escritor argentino Jorge Luis Borges, que considerava a escrita como reescrita, ou seja, todo texto consta das ruínas de outro. As capacidades infinitas do discurso são buscadas numa ampliação da realidade cotidiana. Essa idéia é reiterada por Derrida que afirma a literatura como artifício, como metáfora, em busca de uma realidade absoluta, mas nunca alcançada. A escrita, em sua incapacidade mimética, passa a ser o real que a ficção narra.

BETWEEN ‘TRUTH’ AND FICTION: ANOTHER VIEW ON THE NOVEL *EL ARPA Y LA SOMBRA*, BY ALEJO CARPENTIER

ABSTRACT

In a world where there is no steady knowledge, which “owns” any and all the truth, would there be a history that could account for the real world? Which is the current role of historians and novelists? Interdisciplinary studies associated with literature and history have been questioning for a long time what the boundaries imposed – or not – by such subjects are. In Americas, many novelists have “mixed” fiction (invention) and history (truth), making the reader wonder about what he/she is reading: is it a real fact or only the result of the writer’s imagination. This study will analyze *El arpa y la sombra*, by the Cuban writer Alejo Carpentier. This author reported expectations and confessions of a man who dared to cross the world and arrived in a new continent – the Genoese navigator Christopher Columbus. The author relies on historical facts to re(tell) the proposal of beatification of this man and to give his own opinion on the fact. Through questioning of established truths, the author (re)creates a new non-documented history of the ‘Discoverer’ of the Americas.

Keywords: Novel. History. New history. Identity/alterity. Interdisciplinary work.

Notas

- ¹ Mestre em Literatura Comparada / UFRGS. Professora de Língua e Literatura Espanhola / UNISC.
- ² O Papa Pio IX teve o pontificado mais longo da história – 31 anos (de 16 de junho de 1846 a 7 de fevereiro de 1878). Entre suas principais atitudes, convocou o Concílio Vaticano I que definiu o primado e a infalibilidade dos papas. Também publicou o Silabo de Erros, condenando o progresso do mundo moderno.
- ³ Para Jacques Le Goff (1984), o saber ocidental considera que a História nasceu com os gregos, estando sempre vinculada à idéia de civilização. A mentalidade histórica romana não foi diferente da grega. Para Políbio (204 – 122 a.C.), as sociedades humanas e os indivíduos tinham um ciclo em comum: nascimento, desenvolvimento, declínio e morte, e a História seria uma fonte de *exempla*, agindo no combate à decadência de tal sociedade através da reprodução dos exemplos dos antepassados, da repetição dos grandes feitos dos mestres, dos eternos modelos do passado (idéia cíclica de tempo).
- ⁴ As citações relativas ao romance de Carpentier permanecerão em língua espanhola devido à minha edição estar na língua original.
- ⁵ A data de publicação de *El arpa y la sombra* não será posta em todas as citações para evitar a repetição.
- ⁶ Em 1948, no prefácio do livro *El reino de este mundo*, Carpentier descreve o realismo mágico, onde o mundo exótico, primitivo e mágico (americano) se mistura ao mundo racionalista (europeu). Surge, então, um novo conceito norteador de muitos autores latino-americanos que contam a história do continente absorvendo, também, as histórias maravilhosas (mitos e lendas) que os povos indígenas e africanos relatavam através da oralidade.

REFERÊNCIAS

- BOLAÑOS, Aimée G. *Pensar la narrativa*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002.
- BURKE, Peter. *Verbete: história*. Tradução de Irene Ferreira. Enciclopédia EINAUDI, v.1. Porto: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984. p.158 – 259.
- _____ (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- BERND, Zilá (org). *Americanidade e transferências culturais*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 2003.
- _____ *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre:Ed. da Universidade/UFRGS, 2002.

- _____. In: JOBIM, José Luís (org). “Identidades e nomadismos”. In: *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: J.L.J.S. Fonseca, 1999. p. 95 – 112.
- CARPENTIER, Alejo. *El arpa y la sombra*. Madrid: Alianza Editorial, 1998.
- COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento*. Tradução de Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- HANCIAU, Nubia T. Jacques. História vs. Nova História. In:_____. *A feiticeira, personagem histórica e ficcional em três escritoras da América francesa*. Porto Alegre: Tese de Doutorado, PPG/LETRAS/UFRGS, 2001. p.9 – 30.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz (original de 1947). Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JOSEF, Bella. O romance histórico: do cânone à transgressão. *Anais do 5º Congresso da ABRALIC – Cânones & Contextos*. Rio de Janeiro: ABRALIC, v. 1, 1997. p. 75-80.
- MALARD, Leticia. Romance e história. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 1996. p.143 – 149.
- REIS, Carlos. Fait historique et référence fictionnelle: le roman historique. *Dedalus: Revista Portuguesa de Literatura Comparada*. Lisboa: Cosmos, n.2, dez. 1992. p.141 – 147.
- STECKBAUER, Sonja. El tratamiento de Cristóbal Colón en la nueva novela histórica: de la historia a la utopia. In: *La novela hispanoamericana entre historia y utopia*. Eichstätt: ZILAS et. al. 1999. p.50-66.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1999.